



## APRESENTAÇÃO

### CINEMA E LITERATURA: PROPOSTAS DE LEITURA E REFLEXÃO

A escolha do tema deste décimo quinto número da Revista **Verbo de Minas** visa a um aprofundamento dos estudos sobre *Literatura Brasileira e Cinema*. Por conseguinte, tem como proposta a publicação de estudos comparativos entre obras literárias brasileiras e suas respectivas produções cinematográficas. Buscamos, com esse enfoque, continuar a divulgar reflexões acadêmicas no campo da crítica literária brasileira, estimulando a leitura e a interpretação de textos referentes a essa nova arte nascida no limiar do século XX, arte que se tem expandido e crescido, não só se abeberando na literatura, mas infiltrando-se nela com a abertura de novas caminhos criativos.

Os ensaios apresentados neste número oferecem uma ampla gama de abordagens, levando o leitor a meditar sobre esses caminhos midiáticos que refletem a nossa realidade, abrindo um viés para novas modalidades de diversão e de conhecimento

A partir de uma perspectiva panorâmica, Anderson Pires da Silva aborda a relação intertextual entre literatura e cinema, tomando como problemas centrais a configuração da linguagem cinematográfica e o imaginário literário, bem como a questão da fidelidade na adaptação de obras literárias, estabelecendo um confronto entre **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, e **O processo**, de Kafka.

Cláudio Cledson Novaes analisa a relação entre a literatura e o cinema no Brasil, tomando a revolução da narrativa modernista de 1920/1930 em contraponto com o movimento modernizador do cinema brasileiro dos anos 1960/1970. Leva em consideração o diálogo ético e estético das personagens nas narrativas neo-realistas brasileiras, no âmbito da manifestação nacional-popular, capitaneada pelo escritor Mário de Andrade e pelo cineasta Glauber Rocha, respectivamente na política cultural literária e cinematográfica brasileiras em cada período.

Fabiana Carelli Marquezini e Júlio César Bomfim assinam o texto “Num aliso de vereda, eu vi o rio: imagens do Grande sertão”, analisando duas adaptações cinematográficas do romance **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa. Inicialmente, o longa-metragem **Grande sertão**, dirigido, em 1965, por Geraldo e Renato dos Santos Pereira e, em seguida, o curta-metragem **rio de-**



**janeiro, minas**, de 1993, dirigido por Marily da Cunha Bezerra. Têm como objetivo, por um lado, esclarecer certas questões sobre a adaptação do romance para a tela e, por outro, à luz do conceito de Lukács, segundo o qual “as obras de arte são revitalizadas quando correspondem a ansiedades similares às daquelas do período em que foram originalmente produzidas”, buscam avaliar a relação de cada filme com os contextos nos quais foram produzidos e a possibilidade de considerar essas obras, tanto quanto o **Grande sertão: veredas** de Rosa, como “retratos (moventes) do Brasil”.

Segundo Jorge Alves Santana, **Lavoura arcaica** (1975) e **Um copo de cólera** (1978) são duas narrativas de Raduan Nassar que estruturam cartografias subjetivo-culturais. Nas transposições para o cinema, feitas, respectivamente por Luiz Fernando Carvalho (2001) e Aluizio Abranches (1999), o autor deste texto observa que elas acompanham com certa simetria o literário e ressaltam elementos oriundos da cultura libanesa, explorados em regime mais referencial nos filmes. Desse encontro, surgiriam confrontos e acordos existenciais que demonstram a diáspora a que movimentos migratórios estão submetidos. Assim, nessa relação entre literatura e cinema, o movimento de hibridização entre essas culturas, enfatiza, sob teorização de Stuart Hall (2003, 2006), bem como da dimensão rizomática e do devir, conceitos propostos por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2001, 2005). Enfim, acompanha a influência artística e reflexiva que a literatura acrescenta ao cinema, arte intersemiótica que, apesar de sua dimensão industrial e massiva, é capaz de sofisticar-se em sua maleabilidade de territorialização, desterritorialização e reterritorialização de valores.

Com base na semiótica greimasiana, Lavínia Resende Passos e Gláucia Muniz Proença Lara - no artigo “Uma análise semiótica dos contos de Luiz Vilela ‘Dois homens’ e ‘Rua da amargura’ e de suas adaptações para o cinema” - analisam os contos “Rua da Amargura” e “Dois Homens”, de Luiz Vilela, traduzidos para o cinema pelos cineastas Rafael Conde e Helvécio Marins Jr, respectivamente. Para tanto, observam que recursos os diretores utilizaram para recriar a narrativa literária em outro sistema semiótico, comparam o plano de conteúdo das adaptações feitas com o dos contos originais e, no caso do texto sincrético (cinema), buscam as relações, sobretudo as semi-simbólicas, que se estabelecem entre os planos do conteúdo e da expressão.

Em “**O cortiço** da literatura ao cinema: uma abordagem didática para a aula de literatura”, Marciano Lopes e Silva apresenta uma proposta de estudo comparado entre literatura e cinema, voltado especialmente para a classe de literatura no ensino médio e nos cursos de Letras. Após a apresentação da





proposta metodológica de uma abordagem comparativa entre as duas artes – baseada no estudo da estrutura narrativa – realiza um estudo comparado da representação da personagem Jerônimo e sua relação com o espaço para discutir o apagamento parcial do determinismo de meio na tradução cinematográfica.

O artigo proposto por Norma de Siqueira Freitas tem como objetivo a análise do relato autobiográfico, **Memórias do cárcere**, de Graciliano Ramos, na comparação com o filme homônimo do cineasta Nelson Pereira dos Santos. Seu foco prende-se à relação entre corpo, cárcere e dor e sua representabilidade, sem, no entanto, perder de vista as particularidades inerentes a cada modalidade artística, a saber, o cinema e a literatura. Ressalvadas as diferenças essenciais, essas obras - literária e cinematográfica - ao descortinarem o universo carcerário, expõem um cenário de exclusão e violência a consubstanciar a imagem da nação brasileira.

Pascoal Farinaccio estabelece uma aproximação crítica entre o romance **Até o dia em que o cão morreu**, publicado pelo escritor Daniel Galera em 2003, e o filme **Cão sem dono**, uma adaptação desse romance, realizada pelos diretores Beto Brant e Renato Ciasca em 2007. A comparação entre o livro e o filme identifica mudanças substanciais na passagem de uma linguagem à outra: ao passo que a narrativa romanesca apresenta um retrato de geração bastante desencantado e mesmo pessimista, o filme aposta numa representação lírica dos encontros e desencontros amorosos e familiares do protagonista.

No ensaio de Ricardo Barberena, observa-se a busca de problematizar uma narrativa literária, **As doze cores do vermelho**, de Helena Parente Cunha, e uma narrativa fílmica, **Central do Brasil**, de Walter Salles. Ambas tematizam personagens à margem da estratificação social-econômica brasileira e caracterizam uma representação identitária antagônica ao moderno conceito de sujeito nacional. A identidade nacional passa a ser rediscutida por intermédio de uma releitura do Brasil, na qual os indivíduos-margem se encontram situados como mote principal de uma [des]escrita de um romance fragmentado e de um filme de travessia. Desse modo, os textos perseguem a seguinte pergunta: Quem somos nós? E mais: Será que a nossa identidade cultural é tão hegemônica como determinadas manifestações críticas e artísticas propagam nos meios de circulação de conhecimento?

O artigo de Rosemari Sarmiento situa-se na intersecção da literatura e do cinema; investiga suas naturezas, seus desenvolvimentos e seus diferentes discursos. O objetivo é traçar um olhar sobre seus processos de criação e significação, considerando suas especificidades, pois, mesmo quando parte de



um texto literário, o cinema diverge, ultrapassa e atravessa a linha de partida, apresentando diferentes dimensões e processos. A autora procura, portanto, fazer um mapeamento e lançar um olhar histórico a partir do diálogo entre as duas linguagens.

Além dos textos sobre cinema e literatura, apresentamos dois artigos e uma resenha que abrem um novo ângulo de reflexão crítica. Inicialmente, Thereza C. A. Domingues, em “O tema de Anfitrião: de Plauto a Guilherme Figueiredo”, discute a questão do tema de Anfitrião, que gerou inúmeras peças cômicas, de Plauto (200 A.C.) a nossos dias, passando por Camões (séc. XVI), Molière (séc. XVII), até chegar ao século XX, com Giraudoux, dramaturgo francês, e Guilherme de Figueiredo, que retomou o mito, dando-lhe um cunho de brasilidade. Tal como os temas trágicos, os temas cômicos emigram e passam de geração em geração, sendo tão apreciados na Antiguidade, como em épocas mais recentes. Em seguida, André Monteiro, em “Romantismo e modernismo: a construção do cânone de nacionalidade na literatura brasileira”, através de uma análise das possíveis relações entre romantismo e modernismo, buscou compreender o modo como se construiu uma tradição literária comprometida com o “senso de dever patriótico” no Brasil.

Fechando essa coletânea de trabalhos, a resenha “Caminhantes de Helena”, de Izabel F. O. Brandão, sobre texto de Helena Parente Cunha, em que ela tece reflexões sobre **Nos caminhos de quando e até**. Segundo a autora da referida resenha, “a poeta nos leva aos rumos da história real, da ficcional com suas personagens conhecidas e desconhecidas: deuses/deusas, ciganas/ciganos, reis/rainhas, infidentes, escravos/escravas, Infantes/Princesas Adormecidas, na luta perene pela sobrevivência das diferenças e da harmonização destas’.

Aos colaboradores deste número da **Verbo de Minas**, os nossos agradecimentos, na expectativa de que as propostas e as reflexões aqui expressas gerem um intercâmbio cultural significativo entre os leitores.

Prof<sup>ª</sup>. D<sup>ª</sup>. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira – CES/JF  
Prof. Dr. William Valentine Redmond – CES/JF

